

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



DO "NÓ" IDENTITÁRIO À VOZ INSURGENTE: O Despertar Racial e a Formação como Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Mafroeduc Ólukó.

Guaciara de Sá Medeiros¹

*"Não se trata apenas de quem pode falar, mas de quem é ouvido e como essa
escuta transforma a realidade."*

Grada Kilomba

Introdução

A construção da identidade no Brasil é um processo atravessado por silenciamentos e ambiguidades, especialmente no que tange às fronteiras fluidas da racialidade. Alinhado à proposta deste evento, que compreende as escritas (auto)biográficas como campos de produção de conhecimento e ferramentas para visibilizar o trânsito do "eu" confessional para a constituição de subjetividades políticas, este trabalho apresenta uma narrativa autobiográfica sobre o processo de letramento racial desta pesquisadora. Gestada e socializada no âmago de uma família matriarcal negra que, embora vivesse a negritude no cotidiano, carecia de um entendimento crítico sobre sua posição enquanto sujeitos racializados, o ponto de partida desta trajetória é o

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4729002594021283>
E-mail: guaciaramedeiross@gmail.com

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



tensionamento provocado pela branquitude crítica (Cardoso, 2010) em um contexto de ancestralidade negra.

A relevância desta pesquisa reside na urgência de tensionar epistemologias hegemônicas a partir de processos de subjetivação e memória coletiva. No cenário nacional, onde a raça dita lugares de privilégio simbólico e material (Schucman, 2014), vivenciei um "nó" identitário ao decifrar as disparidades de oportunidades conferidas a mim, enquanto branca, em contraste com as vivenciadas por minha mãe e irmã. Perceber que a branquitude opera como um capital de circulação revelou um conflito entre a subjetividade afetiva e a realidade política da raça, gerando uma identidade emocional enraizada em uma linhagem negra que, embora não se refletisse no espelho, pulsava no cotidiano.

O objetivo central deste estudo é investigar como o ingresso no grupo de pesquisa Mafroeduc Ólukó e a experiência na segurança pública possibilitaram a transição de um posicionamento de branquitude acrítica para a assunção de uma voz insurgente e comprometida com a justiça racial. O verdadeiro divisor de águas nesta formação social e acadêmica foi o encontro com o saber de intelectuais negras, que ofereceram as categorias teóricas necessárias para compreender a realidade através do afeto e da perspectiva Ubuntu. Esta escrita assume, portanto, um caráter de homenagem e reconhecimento às figuras que me precederam, reivindicando o afeto e a irmandade como categorias científicas capazes de fundamentar uma prática profissional antirracista.

O texto organiza-se em três momentos principais: inicialmente, discute-se a infância e o conflito identitário na matriz familiar; em seguida, aborda-se a descoberta do letramento racial no ambiente acadêmico e a assunção desta autora como pesquisadora de uma Pedagogia Afrocentrada. Por fim, analisa-se como esse saber atua como uma ponte necessária dentro da segurança pública, onde a experiência de mais de uma década

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



da pesquisadora serve de base para semear, entre os colegas de profissão, a possibilidade de uma atuação mais humanizada. O objetivo não é uma intervenção institucional direta, mas sim plantar reflexões que permitam descolonizar o olhar e sensibilizar os pares sobre a importância de uma práxis fundamentada na justiça racial e no afeto.

Trajetórias, Identidades e o Despertar de uma Pedagogia Afrocentrada

A genealogia de minha mãe desenha-se no bairro do João Paulo, em São Luís, fruto da resiliência de minha avó, Dona Vicentina. Ao resgatar essas memórias sob o prisma da "escrivência" de Evaristo (2017), percebo uma infância atravessada por uma negritude vívida, mas silenciosa politicamente, o que estabeleceu as bases para eu compreender, tardiamente, as contradições da branquitude brasileira. Nesse território de maioria negra, as questões raciais transpareciam em falas carregadas de racismo internalizado e no desejo de embranquecimento como estratégia de sobrevivência. Como aponta Bento (2002), o pacto narcísico da branquitude atua para manter privilégios silenciosos, enquanto grupos racializados muitas vezes introjetam o olhar do opressor. Minha trajetória foi marcada pela dualidade de habitar esse ambiente doméstico negro enquanto estudava como bolsista em colégios particulares, revelando, no trânsito diário, o abismo entre a realidade escolar branca e a vivência familiar.

Nesse trânsito, as perguntas fervilhavam. O reconhecimento de que o mundo me oferecia acolhimento e passagens facilitadas, ao mesmo tempo em que impunha barreiras e suspeições à minha mãe e à minha irmã, revelou precocemente que a branquitude opera como um capital de circulação. Essa percepção gerou o que chamo de "nó identitário". No ingresso à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sem o devido letramento

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



racial e por ter cursado o ensino médio em escola pública (Liceu Maranhense), declarei-me na categoria de cotas para pardos. Naquele momento, por não corresponder ao estereótipo de uma branquitude sulista estereotipada e por estar mergulhada em uma família negra, acreditei que o termo pardo fosse o único refúgio possível para minha identidade ambígua. No entanto, o conceito de pardo, em muitos casos no Brasil, funciona como uma zona de indefinição que oculta a branquitude crítica, conforme sugere Cardoso (2010) ao discutir o branco-pardo que ainda não se reconheceu como herdeiro de privilégios coloniais.

A minha vivência acadêmica foi atravessada pela aprovação em um concurso público na área da segurança pública. Ao assumir a carreira militar e nela atuante por pouco mais de dez anos, a Pedagogia parecia ser um capítulo encerrado, mas a vivência na caserna provocou o oposto. Estar inserida em um campo historicamente marcado pelo controle e pela violência sobre corpos negros fomentou meu regresso à universidade. A prática profissional revelou-se um território extremamente resistente a narrativas afrocentradas e ao debate racial sério. Eu sentia a necessidade urgente de fundamentar as inquietações e observações que a realidade institucional me impunha. Como pontua Kilomba (2019), a subjetividade só pode ser plenamente recuperada quando o sujeito passa a narrar sua própria história, confrontando os espaços de poder que tentam silenciá-la.

Foi nesse cenário de busca por respostas que, no ano de 2023, ingressei no grupo de pesquisa Mafroeduc Ólukó. Inicialmente, o impacto foi paralisante ao perceber que eu era a única pessoa branca em um coletivo composto majoritariamente por mulheres e intelectuais negras. Fui tomada por um sentimento de não-pertencimento, acompanhado pela culpa de ocupar um espaço que, em minha visão de então, não me pertencia. Durante os primeiros encontros, minha postura foi de observação silenciosa, admirando a agudeza

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



crítica daquelas mulheres que rapidamente se tornaram minhas maiores referências. Contudo, após verbalizar meu desconforto sobre a legitimidade de minha presença ali, fui surpreendida pela força do afeto e do acolhimento. Recebi o suporte necessário para compreender que minha branquitude, se assumida de forma crítica, era uma ferramenta essencial para a luta antirracista, especialmente no campo árido da segurança pública.

A descoberta dentro do grupo de pesquisa foi um divisor de águas em minha formação social e acadêmica. Compreendi, fundamentada no conceito de Ubuntu, que a minha humanidade está intrinsecamente ligada à humanidade do outro, e que o letramento racial não é apenas um acúmulo de bibliografias, mas uma mudança radical de postura frente à vida. O apoio incondicional deste coletivo permitiu que o meu 'nó identitário' fosse desfeito em favor de uma identidade de pesquisadora branca comprometida com a justiça racial. Após muitas idas e vindas, entre o serviço público e a academia, identifique-me agora como uma pesquisadora que busca a fundamentação de uma Pedagogia Afrocentrada, pautada na agência e na centralidade dos saberes diaspóricos conforme proposto por Asante (2009). Entendo que este referencial é a chave para transformar a sala de aula e os espaços institucionais por onde transito. As discussões no Mafroeduc transformaram minha prática profissional na segurança pública, onde passei a perceber e intervir através de falas fundamentadas, visando semear entre meus pares uma mudança na forma de pensar e exercer o serviço policial, tornando-o mais humano e consciente.

Hoje, sinto-me completamente pertencente ao espaço do grupo de pesquisa. Foi a partir do incentivo intelectual e do suporte ético dessas mulheres que consegui romper com a insegurança, participar ativamente de diversos eventos acadêmicos e, em uma conquista que marca profundamente minha história, ser aprovada no Mestrado em Educação da UFMA. O sucesso no ingresso na pós-graduação não é uma vitória isolada, mas o resultado direto de um processo de letramento gestado no seio deste grupo.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



Reconheço com profunda gratidão que, sem o acolhimento, o rigor e a orientação do Mafroeduc Ólukó, eu jamais teria alcançado a maturidade necessária para consolidar esta pesquisa.

Considerações Finais

A síntese deste percurso revela que o letramento racial não se limita à erudição bibliográfica, mas configura-se como uma mudança de postura ética e existencial. O ingresso no mestrado e a participação em eventos científicos, conquistas indissociáveis do apoio e do acolhimento das intelectuais negras que me precederam, consolidam a transição de um posicionamento de branquitude acrítica para a assunção de uma identidade de pesquisadora da Pedagogia Afrocentrada. Esta pesquisa contribui, portanto, para o campo da Educação ao demonstrar que o afeto e a perspectiva Ubuntu são categorias científicas legítimas, capazes de sustentar produções acadêmicas rigorosas e humanizadas.

Como desdobramento desta trajetória, os horizontes aqui traçados apontam para a necessidade de atuar como uma ponte entre o saber acadêmico e o campo da segurança pública. O compromisso estabelecido não é o de uma intervenção institucional imediata, mas o de semear, entre pares e no cotidiano profissional, reflexões que humanizem o olhar e questionem silenciamentos históricos. Em última análise, este trabalho reafirma que o suporte ético e intelectual de um coletivo é o ventre necessário para que novas epistemologias nasçam, permitindo que a prática docente e a vivência profissional sejam, finalmente, atravessadas pelo compromisso inegociável com a justiça racial.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



Referências

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria da mudança social. Tradução de Atilde de Souza e Luiza de Souza. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica**: a supremacia racial e o branco anti-racista. Revista da ABPN, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 215-230, mar./jun. 2010.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jessé Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2014.